

DE “PINTURAS GROSSEIRAS” A “DESCRIÇÃO MARAVILHOSA”. O PAPEL DA CRÍTICA NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ROMANCE “L’ASSOMMOIR”, DE ÉMILE ZOLA, NO BRASIL

Eduarda Araújo da Silva Martins (UFRJ)¹

Resumo: Estudo da recepção crítica da obra *L’Assommoir* (1876) do escritor naturalista francês Émile Zola (1840-1902) na imprensa brasileira da segunda metade do século XIX sob a perspectiva da globalização da cultura, da circulação dos impressos (ABREU, 2011) e da República Mundial das Letras (CASANOVA, 2012). Este trabalho adota ainda os conceitos de *mediador* e *transferência culturais* (ESPAGNE; WERNER, 1987) para entender o processo de recepção e ressignificação da obra no *campo literário* (BOURDIEU, 1996).

Palavras-chave: Émile Zola; Imprensa brasileira; Mediador

No final do século XIX, o *campo literário* francês passou por transformações que contribuíram para o aumento de sua autonomização em relação às instâncias religiosas, políticas e econômicas (BOURDIEU, 1996). Conflitos e tensões internas entre diferentes grupos revelavam que os agentes buscavam alcançar capitais específicos, pois seriam esses capitais acumulados que determinariam suas posições no interior do *campo literário*. Segundo Pascale Casanova (2002), as lutas travadas pelos agentes possuíam um objetivo: conquistar a legitimidade literária. Nesse sentido, o escritor que conseguisse alcançar reconhecimento no espaço literário nacional, ganharia valor no mercado literário e poderia entrar no espaço literário internacional.

O século XIX foi um momento propício para essa projeção internacional, já que o período foi marcado por profundas mudanças nos meios de transporte e comunicação que permitiram a circulação das ideias e as trocas culturais entre diferentes países do mundo. Embora a globalização da cultura remonte ao início do século XVI, foi no final do século XVIII e ao longo do século XIX que as relações entre os continentes se estreitaram, aumentando, desse modo, a circulação dos impressos (ABREU, 2011, p. 115). Dentre as transformações ocorridas durante o “longo século XIX”², podemos citar

¹ Graduada em Letras Português-Francês (UFRJ), mestranda em Literaturas de Língua Francesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ. Contato: eduarda_araujos@hotmail.com

² “Longo século XIX” é um termo cunhado pelo historiador Eric Hobsbawm que compreende o período entre a Revolução Francesa (1789) - marcado pelo aumento na produção e circulação dos impressos entre os países do globo - e o início da Primeira Guerra Mundial (1914) - quando a circulação dos impressos diminuiu significativamente.

a introdução da prensa a vapor, a mecanização da produção do papel, a criação da prensa rotativa, a melhoria dos sistemas de transporte marítimo e ferroviário, a introdução das redes telegráficas e a expansão do público leitor (ABREU, 2011). Essas modificações tecnológicas contribuíram para o aumento significativo da circulação das informações e dos impressos em escala mundial. Diante disso, é preciso destacar a importância dos *mediadores culturais* nesse processo (ESPAGNE & WERNER, 1987; ESPAGNE, 2012). Figuras como as dos críticos, dos editores, dos tradutores, dos impressores, dos livreiros, entre a de outros agentes culturais, são responsáveis por fazer circular os bens culturais de uma região para outra.

Michel Espagne e Michael Werner (1987) desenvolveram estudos acerca da recepção das obras literárias sob a ótica das trocas culturais, ou seja, quando uma obra é introduzida em uma cultura diferente da qual foi concebida, considerando-se o intercâmbio cultural nesse processo. Nesse sentido, os pesquisadores criaram o termo *transferências culturais* para dar conta dos processos de produção de uma obra literária em sua cultura de origem e de recepção na cultura estrangeira, levando em conta, assim, as conjunturas políticas, sociais e históricas, sobretudo da cultura receptora, e o papel dos *mediadores culturais*. Espagne define *transferências culturais* da seguinte maneira:

Por transferência cultural entende-se uma orientação metodológica da pesquisa em história com vistas a pôr em evidência as imbricações e as mestiçagens entre os espaços nacionais ou, de modo mais geral, entre os espaços culturais, numa tentativa de compreender por quais mecanismos as formas identitárias podem alimentar-se de importações. O livro, sendo por excelência um objeto particularmente mutante, dotado a um só tempo de uma dimensão cultural e de um valor econômico, resultado de uma produção intelectual e de uma fabricação material, merece, especialmente, ser encarado sob esse ângulo. (ESPAGNE, 2012, p. 21)

O conceito de *transferências culturais* servirá ao pesquisador como uma ferramenta de análise da recepção e da apropriação de uma obra literária por outras culturas. Essa ferramenta de pesquisa em história orienta o pesquisador de literatura a considerar os contextos sociais e históricos no momento em que analisa a circulação de uma obra literária, para, assim, poder interpretar de que maneira essas obras são acolhidas por diferentes culturas. É preciso destacar que essa abordagem descarta a ideia de “influência”, já que por “influência” pressupõe-se a hierarquia entre culturas,

sendo uma dominante sobre a outra. Entende-se que nenhuma cultura nacional seja homogênea ou pura, mas sempre heterogênea e contaminada por outras. É nesse sentido que o uso das palavras “mestiçagens” e “imbricações” é bastante proveitoso, pois a abordagem das *transferências culturais* considera que as culturas nacionais são, em grande parte, constituídas por contribuições de culturas estrangeiras, sendo estas sempre reinterpretadas e reformuladas (JURT, 2007, p. 105).

É, portanto, na perspectiva das trocas transnacionais e culturais que buscamos entender como a obra literária *L'Assommoir* (1877), do escritor naturalista francês Émile Zola (1840-1902) é acolhida e interpretada no Brasil. Essa análise tem como recorte temporal o período de 1876 a 1881 e corresponde à data de publicação do folhetim na França e ao ano em que o romance ganhou uma adaptação para o teatro no Brasil. Nosso *corpus* é composto por críticas e comentários críticos publicados em periódicos brasileiros disponíveis para consulta no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Zola foi um importante agente no *campo literário* francês. No início de sua carreira, o escritor buscou desenvolver uma nova concepção literária, denominada por ele de naturalismo. As lutas travadas por ele no interior do *campo literário* ocorriam, sobretudo, na imprensa por meio da publicação de artigos que definiam sua estética literária. O escritor se posicionava contra o romantismo, o romance idealista, o convencional e o culto ao belo (BAGULEY, 1995, p. 15-17). As estratégias do escritor o ajudaram a alcançar paulatinamente *capital simbólico* no *campo*. Zola foi autor de uma grande produção literária. Quase todos os seus romances foram publicados primeiramente em jornais ou em revistas antes de saírem em volume nas livrarias, prática muito comum da época.

Entre os anos de 1871 e 1893, Zola produziu uma série de vinte livros que contavam a saga de uma família no período do Segundo Império francês, intitulada *Les Rougon-Macquart – Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Seconde Empire*. O sétimo romance da série, *L'Assommoir*, foi um grande sucesso de escândalo. Publicado, inicialmente, na seção folhetim do periódico republicano de tendências radicais, *Le Bien Public*, o romance foi interrompido por decisão do diretor do jornal, Yves Guyot (1843-1928), no dia 7 de junho de 1876, dois meses depois do início de sua publicação. Duas informações sobre o motivo da interrupção são consideradas por

especialistas da obra de Zola. Alain Pagès afirma que a publicação de *L'Assommoir* foi suspensa devido a reclamações dos assinantes (2014, p. 120). Por outro lado, Henri Mitterand declara que o principal motivo da interrupção do folhetim teria sido a incompatibilidade política e moral do romance com o jornal, pois “Os diretores do jornal desejavam uma pintura mais elogiosa dos costumes populares” (2001, p. 304).³

No mês seguinte, a revista literária *La République des Lettres*, dirigida pelo escritor Catulle Mendès (1841-1909), deu continuidade à publicação do romance que foi seriado entre os dias 9 de julho de 1876 e 7 de janeiro de 1877. Quando lançado em volume pela editora Charpentier, em janeiro de 1877, o livro foi um sucesso de vendas que proporcionou ao escritor acumular farto *capital econômico*. O sucesso do livro foi tão grande que, em 1879, *L'Assommoir* ganhou uma adaptação para o teatro, realizada por dois profissionais da área: Octave Gastineau (1824-1878) e William Busnach (1832-1907). O drama foi uma grande sensação em Paris, tendo mais de 250 representações no Théâtre de l'Ambigu e partindo em turnê pelo interior do país.

O reconhecimento paulatino de Zola na França permitiu sua projeção internacional. *L'Assommoir* foi uma das primeiras obras do escritor a serem acolhidas no *campo literário* brasileiro, este ainda em vias de constituição no século XIX. Ao buscar o nome de Zola em jornais brasileiros daquela época com vistas a identificar a recepção crítica de suas obras, percebemos que sua projeção ainda é pouco expressiva na década de 1870.⁴ Não foi encontrada nenhuma crítica no ano de lançamento do folhetim da França, 1876. No entanto, identificamos, entre os anos de 1877 a 1879, uma pequena recepção de *L'Assommoir* na imprensa brasileira.⁵ Assim, diferentemente da França que apresentou três momentos de recepção crítica (folhetim, volume e adaptação teatral), podemos dizer que, no Brasil, *L'Assommoir* teve apenas dois. O primeiro, mais tímido, aconteceu entre os anos de 1877 e 1879, período em que o escândalo dos

³ “Les dirigeants du journal auraient souhaité une peinture plus flatteuse des mœurs populaires”.

⁴ Zola iniciou sua carreira literária em 1864, com a publicação de seu primeiro livro, *Contes à Ninon*. Seu primeiro romance, *La Confession de Claude* (1865), seria publicado um ano depois, seguido de *Les Mystères de Marseille* (1867), *Thérèse Raquin* (1867) e *Madeleine Férat* (1868). Paralelamente ao lançamento desses romances, Zola desenvolveu a teoria do romance experimental que fundamentou a estética naturalista e ganhou destaque, sobretudo, ao longo da década de 1870, com a publicação do ciclo dos *Rougon-Macquart*.

⁵ Sobre a recepção de *L'Assommoir* entre os anos de 1876 e 1879 no Brasil, ver: CATHARINA, P. P. G. F & MARTINS, E. A. S. *L'Assommoir* e *Germinal*, de Émile Zola, na imprensa brasileira. In: XV Congresso Internacional da ABRALIC: Textualidades contemporâneas, 2017, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC, 2017, v. 1, p. 783-794. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

lançamentos do livro e da peça de teatro na França ecoaram na imprensa brasileira – naquele momento, poucos críticos se manifestaram sobre o romance. A segunda recepção crítica no Brasil foi mais intensa e aconteceu no ano de 1881, quando o drama de Busnach e Gastineau foi traduzido pelo dono da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, o jornalista José Ferreira de Souza Araújo (1843-1900) e representado no Brasil. O espetáculo, que estreou no Rio de Janeiro em 28 de abril de 1881 no Teatro São Luís, tendo como atriz principal a empresária Ismênia dos Santos (1840-1918) (FARIA, 2001, p. 199), teve boa aceitação dos críticos brasileiros, como comprovam as críticas saídas nos jornais. Isso contribuiu para o processo de ressignificação da obra como veremos a seguir.

No momento que chamamos de primeira recepção, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro publicou uma crítica de seu correspondente de Paris, Francisco José de Santa-Anna Nery, no dia 11 de março de 1877. O texto apareceu na coluna “Ver, ouvir e contar” da seção folhetim e era, sobretudo, negativo. Santa-Anna Nery reproduziu insultos que grande parte da crítica francesa declarava. Assim, criticou a linguagem do romance, sua descrição, a pintura dos personagens e o estilo naturalista. Por outro lado, considerou moderadamente a função do romance que denunciaria o modo de vida de certos trabalhadores parisienses e serviria de denúncia social às autoridades:

Há duas coisas para considerar no livro de Zola: o romance e o conselho social.

Os críticos só têm reprovado com indignação o romance; não viram ou não quiseram ver o conselho.

Como romance, o *Assommoir* é uma obra nojenta. O autor se compraz em cenas fétidas de ignóbil embriaguez, com vômitos e sopapos numa linguagem garrafal que desafia qualquer crítica. As descrições são minuciosas e cansam; os caracteres bestiais e hediondos; o entrecho lento e pesado.

Mas, apesar de todos esses defeitos, foi bom que o *Assommoir* fosse escrito e publicado para ensinar-nos o que se queria esquecer: é que, nos subúrbios desta Paris, tão brilhante, tão animada, tão esplendida, apodrece uma população que o vício espia, aguarda, enfileira, enleva; que, sem consciência do bem nem do mal, luta alguns anos e acaba sempre por cair de vício em vício até a ignomínia.

O *Assommoir* não é um romance para meninas nem para moças, nem para gente que não sabe pensar – mas é um livro de economista, de estadista, de pensador. [...]

Oxalá o livro de Zola abra os olhos a tanto cegos que nos governa!
(SANTA-ANNA NERY, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 11/03/1877, p. 3)

No ano seguinte, o jornal católico *O Apóstolo* publicou um comentário crítico acerca do romance na coluna “Seção literária”, escrita em dezembro de 1877, mas publicada no dia 4 de janeiro de 1878. Na crítica, intitulada “A propósito do ‘Apóstolos do mal’”, Izaías de Almeida teceu um comentário negativo, desqualificando o romance moral e esteticamente:

[...] Na escola realista da qual o sentimento de moral e ideal estão banidos, vemos o adultério e o casamento livre pregados com verdadeiro cinismo.

No romance o que vemos? Um livro de que a polícia devia tomar conta, teve em França quarenta edições em um mês! Falamos do *Assommoir* de Émile Zola com suas pinturas grosseiras, com o sensualismo torpe, com a poesia do vício e dos horrores. (ALMEIDA, *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, 04/01/1878, p. 2)

No dia 8 de maio de 1878, o articulista Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior também tece um comentário negativo acerca do escritor Émile Zola na *Reforma*, periódico do partido liberal. Sua apreciação aparece na coluna “Bibliografia” em um texto intitulado “Escola Realista” no qual analisa o romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós (1845-1900). Após longos elogios ao escritor português, o crítico dedica seu texto a opor Queirós a Zola, como podemos observar no trecho abaixo:

Acoimam Eça de Queiroz de imitador de Émile Zola. [...] Tudo no romancista português é melhor: estilo, concepção, tendências, desenlaces, e, sobretudo, a pronunciada originalidade, afirmativa e inconcussa.

Zola gosta sobremaneira de carregar nas tintas. Timbra em traços rudes, em acentuações grosseiras. Simpatiza com o ignóbil, nem trepida em embeber a pena no torpe. Não se lhe dá andar de braço com a imoralidade e salpicar-se no lodo: seu estilo é sujo, seus livros prenhes de exalações pestíferas. Esquadrinha as ruindades das coisas, compraz-se em nodoá-las. Visa, não raro, a causar mal ao estômago. É-lhe indiferente a repugnância. (FIGUEIREDO JÚNIOR, *A Reforma*, Rio de Janeiro, 08/05/1878, p. 3)

Ao longo da crítica, Affonso Celso compara o naturalismo de Eça de Queirós àquele do escritor francês Alphonse Daudet (1840-1897). Segundo ele, embora ambos os escritores pintem cenas de “lama”, essas cenas seriam atenuadas com “páginas de

flores”. Assim, o crítico distancia o *Primo Basílio* de *L’Assommoir*, uma vez que Zola só escreveria “repugnâncias”:

[Eça de Queiroz] Atenua o efeito de uma cena de lama, com uma página de flores. Precinta-lhe o microscópio, por onde examina as coisas, um aro de ouro, e cõa por ele um esplendor de irradiação doce. Assemelha-se nisso a Daudet. No *Nababo* há capítulos de desbragado realismo. Não nos suscitam, no entanto, a repugnância de muitos capítulos de *L’Assommoir*. Com Zola, Eça aprendeu tão somente a minúcia descritiva, a ciência do detalhe [...] (FIGUEIREDO JÚNIOR, *A Reforma*, Rio de Janeiro, 08/05/1878, p. 3)

No ano de 1879, encontramos outra crítica de Santa-Anna Nery publicada no *Jornal do Commercio* do dia 17 de fevereiro. O texto enviado de Paris com o título “Emilio Zola” aparece na coluna “Caras e caretas” no folhetim do jornal. O crítico mantém a opinião negativa que havia declarado na crítica de 1877 acerca da obra de Zola e se posiciona diante do sucesso repentino de *L’Assommoir* tanto no momento de publicação do romance em folhetim e em volume quanto no lançamento da peça. A crítica é dividida em quatro partes. Na primeira, Santa-Anna Nery relembra a trajetória do escritor, mencionando sua passagem pela editora Hachette, sua atuação na imprensa, o título de seus primeiros romances e o desenvolvimento de sua estética. A segunda parte é dedicada à recepção do folhetim e do livro. Na terceira, o crítico comenta a adaptação do romance para o teatro, se detendo na análise de cada quadro da peça. Finalmente, na quarta parte, Santa-Anna Nery conclui demonstrando sua preocupação com o possível crescimento de adeptos ao naturalismo.

Ao longo do texto, o correspondente destaca que *L’Assommoir* é fortemente comentado pela imprensa parisiense e que a polêmica gerou um enorme sucesso de vendas e popularidade para o escritor. No entanto, a todo momento, Santa-Anna Nery se demonstra surpreso com o sucesso de *L’Assommoir*, ironizando a recepção parisiense com elogios lançados à obra:

O triunfo foi esplendido. As edições venderam-se rapidamente, e subiram a mais de 60. Os críticos saudaram o novo astro; as damas folhearam, nos seus camarins de seda, essas páginas que retratavam a vida dos operários; todos quiseram ver a descrição maravilhosa dessas escórias [...] (SANTA-ANNA NERY, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17/02/1879, p. 1)

Se a recepção do romance aparece em um tom negativo no Brasil na pena de certos críticos, nota-se que, após a adaptação de *L'Assommoir* para o teatro, a obra ganha forte acolhimento da crítica, marcando uma mudança de posicionamento.

Embora o drama não tenha sido assinado por Zola, a crítica brasileira não só aplaude a peça, como também estende seus elogios à estética naturalista, retomando e analisando a obra do escritor.

No Rio de Janeiro, estado onde ocorreu a primeira apresentação do espetáculo no Brasil, o articulista do *Jornal do Commercio*, Livio Andronico, reflete, no dia 5 de maio de 1881, sobre a consolidação e a afirmação do naturalismo após a longa predominância do romantismo no campo literário. A crítica, intitulada “Theatro de S. Luiz: O Assommoir”, destaca ainda o caráter moral presente na obra do escritor naturalista.

É ou não o *Assommoir* uma prova evidente e inconcussa de que o realismo de Zola não carece de ondas românticas, de artifícios e efeitos de cordel, de surpresas de contraguerra, para despertar no coração humano todos os sentimentos da moral e do bem que se consorciam no homem para torná-lo o primeiro e o mais sublime de todos os animais? (ANDRONICO, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5/05/1881, p. 2)

Na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro foi publicada uma crítica de J. Romano, no dia 11 de maio de 1881, na qual o crítico também destaca a lição moral do romance e da adaptação teatral:

Acaso a lição grandiosa que encerra o romance, perdeu alguma coisa, uma partícula sequer de sua essência no drama? Tem menos brilho na forma, menos energia no fundo? Pois não estão no drama os mesmos personagens, falando a mesma linguagem, reproduzindo os mais importantes quadros do romance, e a par dos mais importantes os mais interessantes, por serem os mais realistas? [...]
Esse [é] incontestavelmente o maior mérito da obra, que, se como lição de moral é belíssima, como trabalho puramente artístico é perfeita. (ROMANO, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 01/05/1881, p. 2)

E termina sublinhando mais uma vez o caráter moral da obra:

Aos que punham dúvida a vitória do naturalismo, tem-se ela apresentado esplendida, soberba, completa no teatro S. Luiz, onde todas as noites a melhor interpretação do *Assommoir* coloca-o a par

dos primeiros dramas e dos dramas que maior influência imprimem à sociedade – corrigindo pelo exemplo e ensinando pela profunda lição moral que encerra. (ROMANO, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 01/05/1881, p. 2)

Diante das críticas elencadas, percebe-se que a importante obra do escritor Émile Zola foi apropriada de diferentes maneiras. Se nos anos de 1877, 1878 e 1879 a crítica rejeitou o romance, denunciando sua linguagem (“linguagem garrafal”), suas descrições (“pinturas grosseiras”) ou seu estilo (“lento e pesado”, “sujo”), o ano de 1881 marcou uma mudança de opinião. A linguagem, as descrições e o estilo de *L’Assommoir* foram amplamente elogiados, pois, através da estética naturalista, com sua observação e descrição científica, podia-se identificar o alto valor moral da obra de Zola. Assim, a crítica interpretou tanto a peça quanto o romance como uma denúncia social, que combatia problemas instalados nas sociedades. É o que notamos ao lermos o anúncio da peça na coluna “Carteira dos Teatros” do jornal *Gazeta da Tarde* de 11 de maio de 1881, no qual se afirma que “O *Assommoir* combate o vício e a embriaguez” e “Vale a pena ver-se”⁶.

A mudança de posicionamento da crítica pode ter ocorrido devido ao fato de que, no final da década de 1870, Zola começava a se tornar mais conhecido no *campo literário* francês com a publicação de *L’Assommoir*, em 1876 e 1877, e com o lançamento da peça, em 1879. No ano de 1878, o escritor publicaria *Une Page d’amour*, um romance que manteria distância da polêmica e abriria um parêntese entre o escândalo de *L’Assommoir* e o de *Nana* (1880), que estaria por vir (PAGÈS, 2014, p. 156). O lançamento de *Une Page d’amour* teria sido uma estratégia para deixar o público ávido por mais um romance de escândalo. No ano de 1880, o escritor, finalmente, lança *Nana*, história da filha de Gervaise, protagonista de *L’Assommoir*.⁷ Nesse mesmo ano, o escritor publicou *Le Roman expérimental*, uma reunião de artigos que fundamentavam sua estética e que haviam sido publicados na imprensa na década de 1860. Assim, percebe-se que o acolhimento positivo de *L’Assommoir* se daria, no Brasil, após o acúmulo de sucessos do escritor na França. É provável, assim, que o

⁶ Ver anúncio: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&pagfis=1023>>.

⁷ *Nana* saiu no folhetim do jornal *Le Voltaire* entre 16 de outubro de 1879 e 5 de fevereiro de 1880, sendo publicado em volume pela editora Charpentier no dia 15 de fevereiro de 1880. Assim como *L’Assommoir*, *Nana* teve um enorme sucesso e ganhou uma adaptação para o teatro, realizada por William Busnach. A peça estreou no dia 29 de janeiro de 1881 e teve 135 representações no Théâtre de L’Ambigu, em Paris.

sucesso da obra e sua adaptação para o teatro bem como o sucesso dos romances seguintes tenham gerado interesse da crítica em se aprofundar sobre a estética naturalista.

Casanova reflete sobre a função da crítica nos universos literários nacionais e transnacionais e afirma que o crítico pertenceria à aristocracia da República das Letras, possuindo o poder de legitimar ou não um escritor: “é o poder, muito específico que lhe permite decidir o que é ou não literário, e consagrar definitivamente todos os que ela [“aristocracia” artística] designa como grandes escritores” (2002, p. 38). Em outras palavras, ao crítico é atribuída a função de legitimar uma obra literária nos *campos literários*. Outra questão importante a se considerar nas trocas culturais diz respeito à função do tradutor. O tradutor da peça de teatro no Brasil, Ferreira de Araújo, não era apenas jornalista, mas também médico. Esse fato pode ter aumentado a credibilidade da peça e contribuído para a interpretação da obra como sendo uma denúncia social. A questão da tradução é destacada por Casanova. Segundo ela, “como a crítica, a tradução é por si só, valorização ou consagração” (2002, p. 39).

Percebe-se, assim, que os *mediadores culturais* – tradutores e críticos – tiveram um papel importante no processo de recepção de *L’Assommoir* no Brasil. Eles foram uns dos principais responsáveis pela introdução da obra no *campo literário* brasileiro e por lhe conferir diferentes significações, pois “os juízos e veredictos que ela [a crítica] pronuncia (consagração ou anátema) são acompanhados de efeitos objetivos e mensuráveis” (CASANOVA, 2002, p. 39). Assim, a posição negativa da crítica, na primeira recepção, relegou o escritor Émile Zola às mais baixas posições, associando sua literatura à imoralidade, ao passo que a mudança da opinião da crítica, na recepção da peça adaptada do romance, elevou a posição do escritor por meio de inúmeros elogios à qualidade da obra e da estética naturalista, qualificando *L’Assommoir* de altamente moral. Desse modo, percebemos que na segunda recepção, alguns anos depois do lançamento do romance, Zola foi legitimado pelos críticos, que conferiram à sua obra valor e reconhecimento no *campo literário* brasileiro.

Referências

ABREU, Márcia. A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX. *Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. São Paulo, nº 1, 115-127, maio de 2011.

BAGULEY, David. *Le Naturalisme et ses genres*. Paris: Nathan, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução de Marina Apponzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002 [1999].

ESPAGNE, Michel. Transferências culturais e história do livro. Tradução de Valéria Guimarães. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. São Paulo, nº 2, p. 21-34, agosto de 2012.

ESPAGNE, Michel & WERNER, Michael. La construction d'une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914). *Annales, Économies, Sociétés, Civilisation*. 42^e année, n. 4, p. 969-992, 1987.

FARIA, João Roberto. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2001.

JURT, Joseph. Traduction et transferts culturels. In. : LOMBEZ, C. & KULESSA, R. Von (Dir.). *De la traduction et des transferts culturels*. Paris : L'Harmattan, 2007

MITTERAND, Henri. *Zola: l'homme de Germinal*. Vol 2. Paris : Fayard, 2001.

PAGÈS, Alain. *Zola et le groupe de Médan; histoire d'un cercle littéraire*. Paris: Perrin, 2014.

Artigos de Jornais

ALMEIDA, Izaias de. A propósito dos 'Apóstolos do Mal'. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1878, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/343951/5276>>. Acesso em: 21 set. 2017.

ANDRONICO, Livio. Theatro de S. Luiz: O Assommoir. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 mai. 1881, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_07&PagFis=3124&Pesq=>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Affonso Celso de Assis. Escola Realista. *A Reforma*, Rio de Janeiro, 8 mai. 1878, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/226440/10480>>. Acesso em: 21 set. 2017.

ROMANO, J. O Assommoir. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1º mai. 1881, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_02&PagFis=2073&Pesq=>>. Acesso em: 15 jul. de 2018.

SANTA-ANNA NERY, Francisco José de. Ver, ouvir e contar. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1877, p. 3. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/364568_06/15403>. Acesso em: 03 jan. 2018.

SANTA-ANNA NERY, Frederico José de. Emilio Zola. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1879, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/364568_06/20323>. Acesso em: 21 set. 2017.